

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Centro de São Paulo: identidade e cotidiano a partir da produção de imagens fotográficas

Fiona Susan platt¹
Prof. Ms. Ralf José Castanheira Flôres²

¹Estudante do Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Senac; Bolsista Senac;
fiona@platt.com.br

²Professor Pesquisador do Centro Universitário Senac
ralf.jcflores@sp.senac.br

Linha de Pesquisa: Arquitetura e Design

Projeto: Identidade Urbana

Instituição: Centro universitário Senac

Introdução

Este projeto investiga as representações fotográficas produzidas e compartilhadas pelo meio cibernético Instagram, sob a hashtag (filtro de pesquisa) "centro de são paulo": #centrodesaopaulo¹. A partir deste filtro e seus resultados, são identificadas características e elementos visuais que nos permitirão a construção de uma (ou até várias) facetas da identidade da cidade de São Paulo, considerando que a cidade pode ter múltiplas identidades. É necessário destacar que o desenvolvimento da sociedade moderna/ contemporânea passou por um processo de mutação de seus parâmetros e paradigmas, em função do avanço tecnológico, que nos traz ao contexto da atual situação do objeto de estudo cibernético, a rede social Instagram.

Para caracterizar esta época foram escolhidas obras que não falam diretamente dos efeitos da tecnologia no dia-a-dia, mas que representam duas formas de analisar como e quais foram as transformações desta sociedade, que passa a consumir os produtos eletroeletrônicos e se coloca neste mundo de exposição e de espetacularidade, que acaba gerando essa produção e disseminação de imagens excessivas. Nas palavras de Guy Debord²:

O tempo pseudocíclico é o do consumo da sobrevivência econômica

¹ Funciona com um sistema de indexação chamado de hashtags, quando inserido o símbolo (#) antes de uma palavra ou frase sem espaço, criando um link que leva para a interface de busca, reunindo as "tags" com as mesmas palavras.

² Filósofo, agitador social e diretor de cinema, Guy Debord se definia "doutor em nada" e pensador radical.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

moderna, a sobrevivência ampliada. Nele, o vivido cotidiano fica privado de decisão e submetido, já não à ordem natural, mas à pseudonatureza desenvolvida no trabalho alienado; esse tempo, portanto, reencontra *naturalmente* o velho ritmo cíclico que regulava a sobrevivência das sociedades pré-industriais. (DEBORD, 1997, 104)

Suas conclusões fazem uma reflexão importante sobre como o indivíduo reage aos novos estímulos da tecnologia, utilizando deste avanço tecnológico de forma inconsciente em relação a dimensão de auto exposição que este se submete, assim como também está sujeito a todo tipo de influência e estímulo. Já Gilles Lipovetsky (2004), importante pensador e teórico da sociedade contemporânea, trata da mudança deste mundo moderno, onde a presença da moda influencia a estrutura social numa imposição oculta, como agente definidor do estado da sociedade atual:

Afora o desenvolvimento da autonomia que ela alicerça, a moda desempenhou igualmente papel fundamental no momento da inflexão da modernidade num sentido pós-moderno. Isso porque é com a extensão da lógica da moda ao conjunto do corpo social (...) É a era da moda extrema, em que a sociedade burocrática e democrática se submete aos três componentes essenciais (efêmero, sedução, diferenciação marginal) da forma-moda e se apresenta como sociedade superficial e frívola, que impõe a normatividade não mais pela disciplina, mas pela escolha e pela espetacularidade. (LIPOVETSKY, 2004, 19)

Estes trechos não só caracterizam esses tempos e seus efeitos imediatos na sociedade, mas também situam e justificam o momento em que estamos, deste período da sobrecarga de informação, que surgiu com um novo mundo cibernético e com seu fluxo instantâneo de sufocante circulação de informação imagética e textual compartilhado nas redes de mídia social, conhecidas globalmente (facebook, instagram, orkut, flickr, pinterest, etc).

Foi aqui esboçada uma contextualização inicial da nossa sociedade e os caminhos que a humanidade levou para chegar a uma fase de *super*³ compartilhamento de informação e imagens na rede social via internet, onde mais da metade de informação produzida é de uma superficialidade exacerbada de incessante grandeza, o que nos faz refletir sobre o fato de não termos ciência ou

³ O superlativo *super* e *hiper* são termos adotados da nossa era da globalização e é inserido no texto para enfatizar e quantificar o compartilhamento da imagem, termos também introduzidos por Gilles Lipovetsky se tratando da sociedade contemporânea.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

muito menos controle de tudo que transita no mundo web. Como será se este ritmo que já não se acompanha, no mundo de amanhã?

Identificando as imagens, identificando a(s) cidade(s)

Para o desenvolvimento desta pesquisa, que pretende analisar e identificar a imagem da cidade de São Paulo, foram coletadas imagens a partir da hashtag consolidada #centrodesaopaulo, pois o centro de São Paulo é cenário frequente no Instagram, onde a produção de imagens é intensa e diversa. Pelo fato desta hashtag ser muito usada, o que significa uma produção ininterrupta de imagens, houve a necessidade, na coleta das imagens, fazer um recorte temporal. Para este, foi pensado que um período de seis meses, a partir do início da pesquisa, em agosto de 2014, até dezembro do mesmo ano, enquanto foram realizadas as leituras e atividades relacionadas à coleta de informação.

No primeiro contato com o conteúdo #centrodesaopaulo, observa-se que há uma qualidade poética em algumas fotos e capturas interessantes para o olhar, de intenção e caráter artístico. Outras, porém, apresentam características do comportamento atual, de auto-exposição exacerbada, que condiz com a fala dos autores citados anteriormente quando é feita a contextualização da sociedade, e que se destacam claramente do primeiro grupo de imagens citado. É por este fato que, por mais que tenham sido coletadas para o conteúdo a se analisar, foi decidido que estas seriam descartadas como imagens irrelevantes à construção da identidade de São Paulo, pois nestas não haviam elementos que colocavam a foto no contexto da cidade.

Outro tipo de imagem que também acabou sendo desconsiderada do grupo, foram as imagens de espaços internos, pelo mesmo fato de não se identificar a cidade na imagem, e só foi avaliado como sendo útil para a caracterização da cidade no caso dos espaços internos de estações de metrô e trem – fato justificado mais adiante - e espaços semipúblicos. Já o resto da seleção de imagens a serem analisadas foram interpretadas pelos elementos visuais que as compõem, e para sistematizar ou organizar este estudo, foi adotada uma metodologia de separação de imagens por grupos com características comuns.

Esta metodologia tem como base a obra de Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho, o livro "Fotografia e cidade", onde as autoras, a partir da coleta de um grupo de imagens de fotografias da cidade de São Paulo, fazem um estudo a partir do levantamento de elementos imagéticos característicos, abordados em dois momentos específicos: primeiro no fim do século XIX e início do séc. XX e o segundo na metade do séc. XX. No trecho a seguir podemos observar a descrição do conjunto da obra, o que nos ajuda a entender o cenário da cidade de São Paulo da qual elas trabalharam.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

A percepção da cidade se dá pelo o que foi extraído de informação em função das fotografias e então a partir da leitura do conjunto deste álbum, entende-se o processo de crescimento da cidade. Quando tratam a cidade de São Paulo no período de 1951 a 1954, percebemos o início de drásticas mudanças da cidade:

A atitude predatória em relação ao tecido urbano está respaldada na visão do desenvolvimento, do progresso tecnológico e social como um processo linear ascendente e natural. Estas características puderam ser percebidas na noção de crescimento, mensurabilidade e transitoriedade, já discutida. Mas estão presentes também na equiparação do amadurecimento físico do indivíduo com a ascensão social e o progresso urbano, na fisionomia da cidade alterada pelas aproximações entre natureza e indústria, ou ainda nos inúmeros traços de personalidade atribuídos ao paulistano. (LIMA; CARVALHO, 1997,158)

O significativo na leitura deste livro para o desenvolvimento desta pesquisa foi poder compreender os processos de identificação da imagem a partir dos elementos visuais e observar a separação destas por padrões, ou características específicas, reunidas em grupos distintos. Portanto, este trabalho não difere do processo metodológico das autoras, pois aqui as imagens também foram divididas em grupos em função de características em comum e predominantes. Até então, as autoras caracterizaram os álbuns de fotos de um tipo de produção fotográfica profissional, e agora, para esta pesquisa, o álbum de fotos coletado é uma produção de uma massa anônima e coletiva, resultado de uma sociedade em rede e globalizada, dentro do contexto antes descrito.

A separação destes grupos, organizados na coluna ao lado, partiu da identificação dos padrões recorrentes nas imagens e a partir da definição destes, as fotos foram agrupadas por semelhança. Porém, por mais que foram criados grupos que foram definidos por um padrão de fotografia, dentro destes grupos, muitas vezes encontramos variedades dentro das características inicialmente selecionadas. Então estas imagens que, dentro do grupo inicial são agrupadas, viram um subgrupo. Um fator que vai influenciar em quantos subgrupos cada grupo tem é a quantidade de fotos por grupo, pois proporcionalmente um grupo que tem muitas fotos, vai revelar mais de uma variação do mesmo padrão. No decorrer da descrição de cada grupo, os subgrupos também são descritos por suas características marcantes que os agruparam, justificando assim a criação destes.

Um fato muito relevante para este processo de identificação dos grupos e padrões das fotografias é que estes, somados à leitura do livro "Fotografia e cidade", referência metodológica, desenvolveu-se em grupo, durante reuniões realizadas periodicamente com os pesquisadores. Guiados pela orientação, fez-se a definição destes padrões dos grupos de fotografia que foram rediscutidos e reavaliados ao longo do período de desenvolvimento deste trabalho.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Estes grupos, que partiram de uma divisão categórica dos elementos imagéticos das fotos, aqui criados, vão servir como a base da análise da identidade da cidade e serão observados em relação à quantidade de imagens produzidas por cada grupo, definidos e nomeados da seguinte forma: Paisagem urbana; Paisagem urbana - *Skyline*⁴; Edifício Monumentalizado; Fragmento Urbano - Cotidiano, Edifício, Detalhes da Arquitetura, Trilhos, Ponto de Referência, Arte e Apropriação, Manipulação e Manifestação Cultural; Homem na Cidade - Coletivo, Retrato e Indivíduo. Abaixo uma tabela com este material organizado e quantificado:

Grupos de imagens	Quantidade
Paisagem Urbana	188
Paisagem Urbana - <i>Skyline</i>	11
Edifício Monumentalizado	69
Fragmento Urbano - Cotidiano	85
Fragmento Urbano - Edifício	145
Fragmento Urbano - Detalhes da Arquitetura	28
Fragmento Urbano - Arte e Apropriação	45
Fragmento Urbano - Trilhos	31
Fragmento Urbano - Ponto de Referência	5
Fragmento Urbano - Manipulação	5
Homem na Cidade - Coletivo	20
Homem na Cidade - Retrato	21
Homem na Cidade - Indivíduo	55
Manifestação Cultural	17
Total	640

Em seguida estes grupos de fotografias, serão descritos, com o intuito de mostrar e exemplificar o que foi identificado como características para cada um deles, assim como cada vez mais destacar os elementos mais presentes quando se trata do centro de São Paulo, levantando então a construção de elementos gráficos que vão refletir a identidade da cidade, conforme o objetivo inicial.

Sobre os grupos

Paisagem Urbana

⁴ Skyline é uma palavra da língua Inglesa, que foi utilizada para dizer que a linha do horizonte é sombreada, com o céu em contraste, saltando à imagem.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Composto por 36 imagens do centro de São Paulo, a partir de um ponto de vista distante ou aéreo; mostra uma porção da cidade. A maioria utiliza o céu de plano de fundo e em quase todas perdemos, pelo recorte, a noção da dimensão da cidade, dando-nos a sensação de que esta cidade retratada é infinita.

Paisagem Urbana (b)

Subgrupo da categoria anterior, com 12 imagens tratadas em Preto e Branco, enfatizando as formas, que tendem à abstração. Foi caracterizado pelo enquadramento da foto com um ponto de fuga centralizado e destacado. Nestas também há contraste entre o fundo (céu) e massa (construções), criando recorte geométrico do céu.

Edifício Monumentalizado

São 69 imagens que apresentam em sua estrutura uma centralização que deixa evidente, adicionando efeitos de luz, edifícios específicos. Em geral tem-se a visão da fachada principal do edifício, em contra-plongée.

Fragmento Urbano – Edifício

Este subgrupo constitui-se de zoom sobre o elemento focado, com um recorte de céu resultante do espaço residual da imagem. Este resquício de plano de fundo vai servir como o único elemento provedor de luz da imagem.

Fragmento Urbano – Cotidiano

Com 85 imagens, não conectadas por temática ou característica de construção, mas sim pelo seu conjunto diverso e fragmentado, a partir de olhares “espontâneos” sobre a cidade. Apresenta imagens com recortes urbanos totalmente soltos das noções de entorno ou imersão.

Homem na cidade – Indivíduo

Agrupa todas as imagens nas quais o indivíduo está destacado de alguma maneira no seu cotidiano. Estas imagens não só destacam o homem, como também ressaltam a interação deste com o espaço da cidade.

Conclusões

Ao identificar o centro da cidade de São Paulo, com base no grupo de imagens coletadas, partindo das análises quantitativa e qualitativa, é observado que não se pode tratar a cidade tendo apenas uma identidade, pois esta se mostra – ou é mostrada - sob diversas facetas, a partir do momento em que aqueles que a representam, o fazem de diferentes pontos de vista. As representações da cidade de São Paulo sob a #centrodesaopaulo, indica-nos, nesta pesquisa, quatro eixos definidores de sua identidade: O primeiro deles é construído pelo grupo com o maior volume de fotos, Paisagem Urbana, formado por imagens com elementos que mais caracterizam a cidade (rua, edifício,

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

entorno e horizonte). A cidade aqui identificada é uma colagem e sobreposição de volumes construídos à beira da rua inquieta e cheia de vida - circulação de pessoas e veículos - e é também uma metrópole que vem sendo sobreposta de construções ao longo dos anos, por isso é densa e complexa.

Destacado no grupo Fragmento Urbano - Edifício, também com grande volume de imagens, o segundo eixo de identidade demonstra uma cidade com edifícios de épocas, estilos e formatos diferentes descolados do movimento e atividade da cidade como um todo, portanto ela é uma cidade silenciosa, na qual os elementos físicos construídos, transmitem em sua fachada a história da cidade. Já em contraponto a esta, o terceiro eixo de identidade estabelecido foi construído a partir do grupo Fragmento Urbano - Cotidiano, e nele podemos identificar uma cidade de contradições: ora diversa, multifuncional, movimentada e caótica, ora vigorosa e serena.

O quarto e último eixo partiu da interpretação das imagens dos grupos Homem na cidade - Coletivo, Retrato e Indivíduo. Estes grupos inserem o homem no contexto urbano e evidenciam a presença deste na cidade como peça essencial para o seu funcionamento, pois este é o que vai temperar de personalidade e manter seus fluxos. Assim, foi definida uma cidade que depende da presença do homem, que sem este permanece estática e impessoal.

Os que vivem na cidade e a representam em fotografias, em seu cotidiano, fazem a construção de sua identidade, dependendo da cultura, da memória, da experiência, das visões e até mesmo dos humores. A cidade então identificada traduz a sociedade contemporânea no seu todo (social, globalizada) assim como revela fisicamente o processo de desenvolvimento urbano, afirmando e legitimando sua imagem de grande centro urbano em um lugar de dinamismos e em permanente transformação.

Referências

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter; **Uma história social da Mídia, de Gutenberg à internet;** 2.ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CERTEAU, Michel de . **A invenção do cotidiano.** 1. artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

DEBORD, Guy; **A sociedade do espetáculo, comentários sobre a sociedade do espetáculo,** 11ed., Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LEPETIT, Bernard. **Por uma história urbana.** São Paulo: EDUSP, 2001.

LIMA, Solange F.; CARVALHO, Vânia C. **Fotografia e cidade.** Editora FAPESP, Campinas, 1997.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien, **Os tempos hipermodernos**, 1ed., São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MARI, Hugo; SILVEIRA, José Carlos Cavalheiro de. Sobre a cognição visual, **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.14 n.26, 1 sem. 2010.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **São Paulo a cidade, os bairros e a periferia**, São Paulo: Contexto, 2004.

Departamento de Patrimônio Histórico, **Museu Histórico da Imagem fotográfica da Cidade de São Paulo**, São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Divisão de Iconografia e Museus, 1979.